

CULTURA BRASILEIRA: A INFLUÊNCIA DO FUTEBOL NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

PATRÍCIA DIAS HADAMA

Abstract

The cultural identity of a country comprehends the collective totality of a nation. Habits, traditions, behaviors, values and view about specific matters which build the culture of a society. The construction of the Brazilian's culture come from several historical facts that resulted in a multiple nation. Constantly changing, the Brazilian identity purchased an element which had become a symbol to the country: soccer. Aside from a sport, can be considered as an ideological transmission and cultural manifestation. It is a social phenomenon that affects many behavior aspects of the population. The sport reflects the desires, the behavior and inconsistency of the Brazilian society. Analyzing this phenomenon under the perspectives of sociology, it is possible to notice its relevance to the Brazilian society. The influence of soccer in the national identity is an important socioeconomic phenomenon. Its analysis can help us understand the relationships around the Brazilian society and its intimate and legitimate relation to the sport.

Keywords: Soccer. Brazil. National identity. Culture.

Resumo

A identidade cultural de um país compreende a totalidade coletiva de uma nação. São hábitos, tradições, comportamentos, valores e a ótica sobre determinados assuntos que edificam a cultura de uma sociedade. A constituição da identidade cultural brasileira é decorrente de uma sequência de fatos históricos, que resultou em uma nação múltipla. Em constante mudança, a identidade brasileira incorporou um elemento que atualmente se tornou um símbolo para o país: o futebol. No Brasil, além de modalidade esportiva pode ser observado como transmissão ideológica e manifestação cultural. É um fenômeno social que afeta muitos aspectos comportamentais de grande parte da população. O esporte é uma manifestação cultural que reflete os anseios, o comportamento e as contradições da sociedade brasileira. Ao analisarmos esse fenômeno dentro das perspectivas da sociologia do futebol e do esporte, é possível notar a sua relevância na formação da atual cultura brasileira. A influência do futebol na formação da identidade nacional do Brasil é um fenômeno sociocultural relevante. Sua análise permite compreender, de forma mais ampla, as relações que permeiam a sociedade brasileira e a sua íntima e legítima relação com o esporte.

Palavras-chave: Futebol. Brasil. Identidade nacional. Cultura.

Introdução

O presente artigo tem como eixo central o estudo e a abordagem bibliográfica do futebol, como elemento de constituição da identidade cultural brasileira. Um dos objetivos deste estudo é o de promover a reflexão do futebol brasileiro como transmissão ideológica e manifestação cultural.

No Brasil, o futebol, além de modalidade esportiva, é um fenômeno social que afeta muitos aspectos comportamentais de grande parte da população e estabelece, através de questões históricas políticas e sociais, a concretização de parte da cultura contemporânea brasileira. Ao analisarmos o futebol no âmbito social e comportamental, também compreendemos de forma mais ampla as relações que permeiam a sociedade brasileira.

O futebol, como manifestação cultural, reflete os anseios, as conquistas e as contradições da sociedade. Como sugere Rinaldi (2000: 167-172) “O futebol seria assim um espaço onde a sociedade simbolicamente se expressa, manifesta-se, deixando descobrir-se”.

O futebol brasileiro é um dos elementos mais coesos e concretos da composição atual da identidade nacional brasileira. É um fenômeno cultural nacional, que representa o país internacionalmente, conhecido por seus jogadores de alta performance e pelas famosas jogadas atribuídas à ginga brasileira. É uma paixão nacional, que é venerada, os seus ídolos são reverenciados e os torcedores participam ativamente. É, sem dúvida nenhuma, uma cultura de massa.

O futebol é muito mais que um esporte, ou mesmo um modo de vida: é uma metáfora da nova ordem mundial, com toda a sua complexidade. Os clubes de futebol espelham classes sociais e ideologias políticas, e frequentemente inspiram uma devoção mais intensa que as religiões. É um esporte com interesses reais – capaz de arruinar regimes políticos e deflagrar movimentos de libertação. (Foer 2005: n.p)

O interesse em compreender como ocorre a apropriação do futebol na cultura brasileira tem sido amplamente discutido e debatido. Embora já seja um elemento incorporado no país, sua inserção é recente quando analisado em uma linha temporal histórica.

Considerando o futebol como um fenômeno sociocultural, relevante na formação da atual cultura brasileira, é possível articular esta observação com estudos da sociologia do futebol e do esporte, que buscam compreender a temática abordada.

Gilberto Freyre está entre um dos primeiros autores que iniciaram uma análise sociológica sobre o futebol brasileiro. Em 30 de junho de 1974, durante a Copa do Mundo da Alemanha, Freyre publicou pelo Diário de Pernambuco um artigo que resumia a trajetória do esporte com a seguinte ideia:

No Brasil, o futebol começou como simples arremedo colonial do inglês e jogado principalmente por ingleses ainda meio vitorianos, desgarrados no trópico brasileiro; ou por jovens elegantes anglicizados no seu modo de ser esportivos. Apolíneos, portanto. Mas à medida que se desenvolveu, que se abasileirou, que se topicalizou, que adquiriu o ritmo de um novo tempo social, sem deixar, é claro, de ser futebol, tornou-se brasileiro. Vibrantemente brasileiro. Dionisiaco. Com alguma coisa de ágil nos seus passos de jogo como que afro-brasileiramente dançado. E assim se veio afirmando até tornar-se

quase perfeito, no seu modo de ser ao mesmo tempo futebol e brasileiro. (Freyre 1974: n.p)

Apesar do esporte em questão possuir origens estrangeiras, ao se desenvolver no Brasil passou por mudanças e paralelamente afetou a construção da identidade nacional significativamente. Atualmente, a ascensão do desporto envolve questões relacionadas à estruturação do esporte como instituição de poder, que atinge a todos os setores do país e, conseqüentemente, influencia, de maneira considerável, a identidade cultural brasileira.

É um esporte que pertence a todas as classes, e se encaixa na realidade de todos aqueles que por diferentes motivos o admiram ou praticam. A socióloga Janet Lever realizou um estudo que relata que o futebol pode representar de maneira alternativa, um mecanismo de identidade, contribuindo para a formação de uma unidade política do estado civil atual, segundo a autora:

A capacidade paradoxal do esporte de reforçar as divisões sociais, ao mesmo tempo em que as transcendem, faz com que o futebol, o mais popular esporte do Brasil se torne o meio perfeito de alcançar uma união mais perfeita entre grupos múltiplos. Os clubes de futebol locais publicamente sancionam e exprimem os mais profundos sentimentos da sociedade, enquanto o sucesso fenomenal da seleção nacional acentuou o orgulho de todos os brasileiros em sua cidadania. (Lever 1983: 27)

1. A construção da identidade cultural brasileira

Para compreender a trajetória do futebol no Brasil, faz-se necessário interpretar, antecipadamente, a construção da cultura brasileira.

O território que antes possuía identidade própria dos seus nativos, os indígenas brasileiros, foi tomado por colonizadores europeus que trouxeram sua cultura, implantaram seus regimentos sócio-políticos e consigo trouxeram os africanos, que contribuiriam, de forma decisiva, para a construção cultural do país.

A fusão de culturas no decorrer da história não se limitou apenas na constituição de base (indígenas, portugueses e africanos), mas, também, em uma diversidade considerável de diferentes movimentos de imigração.

Diante dessa realidade, podemos afirmar que a cultura brasileira é uma síntese de diferentes vertentes culturais que, ao longo dos séculos, transformaram, de maneira única, cada elemento estrangeiro que foi inserido no país.

Ainda hoje, o Brasil experimenta, com frequência, dificuldades de integração originadas por conflitos de caráter étnico e cultural, oriundas do contexto histórico da sua formação. A busca por uma identidade cultural é complexa e jamais será estática, considerando que o Brasil possui dimensões continentais.

A cultura é um dos acessos possíveis ao estudo dos fenômenos sociais. Acesso esse que incide diretamente no modo pelo qual a sociedade se pensa ou se representa, assim, pode-se tornar recorte temático fértil para o estudo dos fenômenos sociais do Brasil e guia condutor para a síntese proposta, porque a cultura, por um lado, tem a função de instaurar os bens e os valores espirituais que definem ou dão identidade a uma determinada civilização, e, por outro, só se mantém e se desenvolve conforme as transformações dos outros fenômenos sociais daquela sociedade. (Azevedo 1958: 28-29)

A constituição multiétnica do Brasil permite uma pluralidade infinita de características físicas, comportamentais e culturais. Portanto, não é possível estabelecer conceitos sociais fundados em critérios únicos.

O samba e a bossa nova, elementos marcantes na descrição do Brasil, pertencem, de maneira muito particular, à região sudeste, estabelecendo, assim, um grande destaque da cultura de uma pequena região, omitindo tantas outras expressões culturais das demais regiões brasileiras.

Diante desta vasta diversidade, existe um elemento, em particular, que unifica todas as regiões brasileiras: o futebol. De norte a sul, é raro encontrar um brasileiro que não compreenda o futebol como parte da sua cultura e identidade, o esporte possui um significado social como sugere DaMatta:

Primeiro porque ele é um formidável código de integração social. De fato, o futebol ajuda uma coletividade altamente dividida internamente a afirmar-se como uma coletividade capaz de atuar de modo coordenado, comportadamente e de eventualmente vencer. Ora, essa experiência com uma organização coletiva com a qual podemos nos identificar abertamente e que opera para nosso deleite e benefício é muito rara no mundo diário brasileiro, um universo onde as instituições públicas estão, há décadas, desmoralizadas pela inflação e por práticas sociais clientelísticas e personalistas desconcertantes, difundidas por todos os partidos políticos e irremovíveis. Uma segunda dimensão do futebol como força integrativa é a sua capacidade de proporcionar ao povo, sobretudo ao povo pobre e destituído, a experiência da vitória e do êxito. Essa vitória que o mundo moderno traduz com a palavra mágica ‘sucesso’ e que o sistema social hierarquizado e concentrador de riqueza do Brasil faz com que poucos possam experimentar. Mas através do ‘jogo de futebol’ as massas brasileiras podem experimentar vencer com os seus times favoritos. [...] Finalmente, o futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social. Pois, produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer. Que a aliança entre talento e desempenho pode conduzir à vitória incontestada. E, melhor que tudo, que as regras valem pra todos. Para os times campeões e para os times comuns, para ricos e pobres, para negros e brancos, e para os sãos e os doentes. Nesse sentido profundo o futebol dá uma potente lição de democracia. (DaMatta 1994:16-17)

Ainda que historicamente o futebol seja uma atividade nova no país, o destaque que recebeu nas últimas décadas foi de grande impacto na identidade dos brasileiros. A admiração pelo esporte provém de uma série de fatores. Porém, podemos entender uma busca incessante por um elemento cultural singular, que embora não seja genuinamente brasileiro, tomou forma e se enraizou, profundamente, na cultura brasileira.

2. A história do futebol brasileiro

2.1 Charles Miller o pai do futebol brasileiro

Embora já houvesse uma prática recreativa e amistosa do esporte no Brasil, como afirma o historiador Loris Baena Cunha, Charles Miller foi o pioneiro na difusão e na propagação

do futebol como atividade de desporto organizada e sistematizada, que viria a tornar-se uma instituição.

Miller era brasileiro, nascido em São Paulo, filho do escocês John d'Silva Miller, que foi ao Brasil para trabalhar na São Paulo Railway Company. Sua mãe era uma brasileira de ascendência inglesa, chamada Carlota Antunes Fox.

Aos 10 anos foi estudar na Inglaterra, em Southampton, onde aprendeu a jogar futebol na Bannister Court School. Em 1894, retornou ao Brasil e trouxe consigo uma bola e o conjunto de regras do jogo. A primeira partida de futebol realizada no Brasil ocorreu em São Paulo no dia 14 de abril de 1895, com as equipes participantes da São Paulo Railway, que contavam com a participação de Miller e a Companhia de Gás, todas formadas por ingleses que viviam na capital paulista.

2.2 Primeiros clubes e campeonatos

A primeira equipe de futebol do Brasil foi formada em 1894 por Charles Miller, o São Paulo Athletic Club, basicamente voltada para a colônia inglesa. Posteriormente, surge a Associação Atlética Mackenzie College, o primeiro time voltado para brasileiros, em 1898.

O paulista Sport Club Internacional foi o primeiro clube destinado exclusivamente ao futebol, fundado em 1899. À medida em que o esporte se popularizava, mais clubes surgiam e se organizavam. Em 1919, grande parte dos estados brasileiros já possuíam um campeonato regional e sua federação.

A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foi criada em 1914 e administrava o futebol, dentre outros esportes. Após a dissolução da mesma, em 1979, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) é criada no mesmo ano, entidade destinada à administração do futebol brasileiro. Possui 27 federações estaduais vinculadas e organiza os principais campeonatos nacionais.

2.3 Popularização do futebol entre as classes

Os primeiros clubes foram fundados por estrangeiros da elite social. Portanto, apenas as pessoas brancas podiam jogar futebol no Brasil. Contudo, a classe intelectual a desaprovava, rotulando como um esporte “primado da ignorância e da imbecilidade”, como descreveu o escritor Lima Barreto. (Barreto 1956)

Na classe trabalhadora, o futebol também não foi recebido de maneira amistosa. As lideranças sindicais, que em grande parte eram compostas por anarquistas e comunistas, suspeitavam que a prática fosse uma maneira de alienação conduzida pelos empresários, com a finalidade de desviar a atenção do proletariado em relação à sua causa operária.

A partir de 1919, os líderes sindicais começaram a perceber que poderiam angariar membros para a causa anarquista e comunista por meio do esporte. Estrategicamente, eles passaram a estimular partidas de futebol entre equipes formadas por operários para divulgar a doutrina na classe trabalhadora.

A década de 1920 é considerada como o marco para a popularização do futebol do Brasil, que iniciou com as controvérsias entre o amadorismo e o profissionalismo da atividade. O futebol operário foi o primeiro a recompensar seus jogadores. Os empresários perceberam que o sucesso das equipes divulgava o nome das empresas e, conseqüentemente, promoviam seus produtos.

Os melhores jogadores tinham privilégios, como prêmios, dispensa para treinos, trabalhos mais leves e um salário extra. Diante dessa nova realidade, a prática passou a ser vista como uma relativa ascensão social.

Iniciava-se a valorização do capital esportivo. O escritor Mário Filho, abordando o caso específico do Bangu, fala no livro *O Negro no Futebol Brasileiro*:

Operário que jogasse bem futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, ia logo para a sala do pano. Trabalho mais leve. [...] Os garotos que jogavam no largo da igreja sabiam que, quando crescessem, se fossem bons jogadores de futebol, teriam lugares garantidos na fábrica. [...] Depois de trabalhar muito, e principalmente, de jogar muito, o operário-jogador ganhava o prêmio da sala do pano. E podia ser ainda melhor se continuasse a merecer a confiança da fábrica, do Bangu. Havia o escritório, o trabalho mais suave do que na sala do pano. E o ordenado maior. (Filho 1964: 84-89)

2.4 O futebol profissional

Em 1923, o futebol começou a despontar como profissional com o Vasco da Gama. O clube foi criado junto com outros do subúrbio e reunia jogadores de baixa renda, baixa escolaridade e até mesmo desempregados, fato que incomodava a elite do Rio de Janeiro, que encarava a prática do futebol com uma ideologia recreativa da alta sociedade, seguindo regras egocêntricas, sendo nomeada como *ethos* amador.

A entrada de jogadores que jogavam por uma renda, ameaçava a ideologia dominante, desta forma os clubes elitistas enxergavam a entrada da camada social mais baixa nos clubes como uma grande ameaça ao status que a atividade aparentava naquela sociedade.

Em 1923, o Vasco ascendeu à primeira divisão do Campeonato Carioca de Futebol. Após ter vencido a segunda divisão estadual, o time era composto pelo estivador Nicolino, o pintor de parede Ceci, o motorista de caminhão Bolão e o chofer de táxi Nelson da Conceição, todos negros, além de quatro brancos analfabetos.

A ascensão vascaína não foi suportada pela elite, que justificava que ocorria naquele momento uma invasão de indivíduos sem status social em uma prática que deveria ser restrita às classes mais abastadas da sociedade.

Mário Filho escreveu sobre a vitória do Vasco:

Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. (Filho 1964: 126)

Inconformados, os clubes de elite exigiram mudanças no regulamento da Liga Metropolitana dos Desportos Terrestres (LMDT), para conter o avanço do profissionalismo. Não houve apoio e os clubes de elite romperam com a LMDT e fundaram a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos – AMEA, cujo estatuto excluía da prática esportiva desempregados, analfabetos e “os que tirem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal”.

Em 1930, o presidente Getúlio Vargas promoveu a criação de uma política de esportes mais organizada e estruturada. Como resultado disso e de outros fatores, os presidentes

do Vasco, Fluminense, América e Bangu romperam com a AMEA e fundaram a Liga Carioca de Football (LCF), que permitia, oficialmente, atletas profissionais.

Em seguida, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) e a Liga Carioca de Football (LCF) se desfilaram da CBD e criaram a Federação Brasileira de Futebol (FBF), que possuía o direito de representar o Brasil em competições internacionais.

Nessa altura dos acontecimentos, o regimento da CBD era antagonístico e em 1937, se aceitou o profissionalismo no futebol, desde que pudesse exercer a manutenção do seu poder sobre o futebol nacional. Esse desfecho era a extinção das práticas amadoras.

2.5 A nova era do futebol brasileiro

No final da década de 1950, o futebol brasileiro foi criando uma série de grandes jogadores, consagrando o Brasil como país do futebol.

Destacaram-se, inicialmente, nessa época, Pelé, Garrincha, Nilton Santos, Didi, Vavá, Zagallo, Djalma Santos, o capitão Bellini, dentre muitos outros até a atualidade, em que temos, no recente momento, Neymar Júnior como grande destaque.

São inúmeros os campeonatos de futebol disputados no Brasil. Esses movimentam o país por todo o ano, reforçando o já reconhecido e estimado esporte.

Em nível nacional, a principal competição é o Campeonato Brasileiro, também conhecido como Brasileirão, no qual disputam os clubes profissionais da Série A. De grande importância, também há a Copa Brasil, seguida dos campeonatos das séries B (segunda divisão), C (terceira divisão) e D (quarta divisão), dentre muitas outras competições menores de nível regional.

Há uma crescente tendência de atletas brasileiros serem contratados por clubes internacionais. Esses recebem propostas bilionárias e ganham destaque por todo o mundo, reforçando o estereótipo de que o Brasil é o país do futebol.

3. O futebol como elemento da cultura do Brasil

3.1 A apropriação do futebol

A trajetória do futebol no Brasil segue o modelo de quase todos elementos que compõem a diversificada e única cultura brasileira. Portanto, ao analisarmos a evolução do esporte e o surgimento da cultura do futebol, é possível observar as nuances do complexo sistema que envolve o comportamento humano e a construção de um perfil cultural sólido, que busca, constantemente, sua afirmação quanto ao estado político e cultural.

Podemos notar que o esporte possui uma influência muito ampla, perpassando as questões institucionais esportistas e, em sua constituição, traz uma relação direta com a construção da identidade brasileira dentro do seu contexto sociocultural e econômico.

Em um país, com um histórico de séculos de colonização exploratória vinculado de maneira muito íntima com escravidão africana, é de comum acordo sabermos que a desigualdade social e o sistema elitista, ainda prevalecem na sociedade brasileira contemporânea.

Gradativamente, o futebol se tornou um ponto em comum em todas as classes no Brasil. Esse é um dos poucos pontos de interseção que une e nivela em todos os níveis, das mais altas camadas da sociedade até a população carente residente das comunidades, conhecidas internacionalmente como favelas.

Quando se trata do futebol, percebe-se uma união. O grande empresário milionário partilha das mesmas expectativas e emoções do proletariado, que vibra e sofre na partida de futebol do seu time preferido. Juntos, trocam opiniões, concordam e discordam com igualdade de conhecimento sobre o assunto que é um dos poucos ou se não o único que há em comum entre realidades tão distintas.

O futebol no Brasil propaga a união nacional, pois abrange grandes públicos, mobiliza grandes setores da economia em períodos de campeonatos, transforma um evento esportivo em uma festividade nacional. É um esporte que estimula emoções e expectativas, fundindo-se com o comportamento festivo e emotivo do povo, resultando, assim, no fascínio pelo esporte e tornando-o um grande elemento cultural nacional, como sugere Gilberto Velho:

No terreno dos costumes e das mentalidades ou da cultura, de um modo mais sintético, assistimos à convivência e constantemente ao confronto de visões de mundo diferenciadas, quando não antagônicas. Todavia, no decorrer do processo de interação entre as mentalidades e/ou culturas particulares, ao lado de inegável destruição material e simbólica, produzem-se combinações e transculturações [...] geradoras de novos significados e temas culturais. (Velho 1995: 228)

Existe, ainda, uma falsa ilusão do senso comum, que se alimenta da infundada ideia de que o brasileiro possui um talento nato ao futebol, dispensando esforço, treino ou técnica.

A realidade explica essa fantasia quando se percebe que uma das principais características do esporte é sua capacidade de adaptação em qualquer espaço, nas ruas, nos terrenos abandonados das periferias, dispensando equipamentos sofisticados ou estruturas dispendiosas.

Dentro desse contexto de facilidade à prática, o esporte permite que o menino pobre desenvolva seu potencial, ainda que não possua nenhuma estrutura de treino ou técnica. Muitos são os renomados jogadores que emergiram dessa realidade social carente, nutrindo, em todas as classes, a possibilidade igualitária de um dia estrelar no futebol brasileiro.

Outros fatores norteiam o futebol como elemento cultural brasileiro. As relações familiares também são influenciadas, em grande parte das famílias brasileiras, é comum os membros familiares se reunirem aos domingos para assistirem aos jogos televisionados no “almoço de domingo”, expressão muito usada no Brasil para o encontro dominical familiar.

Neste evento corriqueiro na vida dos brasileiros, se estabelece uma conexão entre as gerações e se reforça nos mais jovens o comportamento de fidelidade ao seu time de preferência. Consequentemente, o futebol se torna um grande componente da estrutura cultural dos indivíduos, sendo parte da identidade dos brasileiros até mesmo para aqueles que não o parece, mas, em algum momento da vida, fizeram parte dessa atmosfera.

De fato, essa relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como a mulata, o samba, a feijoada e a saudade, um produto brasileiro. Tal ousadia em mudar uma história recente e bem documentada apenas indica o quanto o “futebol” mobiliza e apaixona as massas. Provavelmente, conforme muitos têm acentuado, porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós. (DaMatta 1994:12)

3.2 O futebol para todos

A trajetória do futebol brasileiro democratizou o sucesso no esporte e, tornar-se um jogador internacional é um desejo e possibilidade para qualquer um, indiferente do grau de instrução ou posse material.

Por todo o país, o esporte é praticado das mais diversas formas: na praia, nas ruas, ou em campos com gramados bem cuidados. Em clubes privados com infraestrutura de alta qualidade, é possível jogar com o suporte de treinadores altamente capacitados, voltados para a classe média alta que pode pagar um alto valor por toda essa estrutura.

Com a mesma paixão, temos o futebol de rua, na periferia onde tudo é improvisado, com exceção da paixão pelo esporte, que é sempre genuína.

No chão de terra, pés descalços driblam a velha bola mirando no gol improvisado marcado com pedras, que correm e imitam seus ídolos em jogadas espetaculares, sonhando com a vitória do jogo, mas sobretudo, com a vitória da vida, onde a miséria é o maior adversário.

O futebol, no contexto da população carente, simboliza a possibilidade real de ascensão social e a saída da pobreza. Na maior parte dos casos, é a única possibilidade de um futuro longe da miséria que os cerca.

De total carência daquilo que é primordial, como moradia, alimentação e educação formal, muitos jovens da periferia se agarram ao sonho de um dia seu talento ser descoberto e, assim, alcançarem um sucesso que, em muitos casos, nada mais é do que uma vida digna que a estrutura do seu país não lhe pode proporcionar.

Para a maioria, esse jogo já está perdido, mas, enquanto crescem, é o único lazer que a dura realidade permite e acordados sonham em ter a mesma sorte que um dos seus muitos ídolos, como Ronaldinho Gaúcho, que saiu da favela para vestir a camisa da seleção e representar seu país das duas formas mais genuínas que o povo brasileiro conhece: desigualdade social e futebol.

3.3 A ginga do futebol brasileiro

Alimentado pelo estereótipo de país do futebol, o Brasil ganhou destaque com o seu futebol, por ser habilidoso acima da técnica. A diferença está na ousadia e na criatividade que surpreende o adversário e encanta o público com as jogadas e dribles que ganham nomes icônicos.

Os jogos são espetáculos artísticos para os brasileiros, que muitas vezes julgam a qualidade de seus jogadores pela capacidade de improviso e estética nas suas jogadas. O ex-jogador e agora comentarista Eduardo Gonçalves de Andrade, conhecido como Tostão, manifestou a sua análise em um artigo, afirmando que:

Muitos jogadores, treinadores, jornalistas esportivos e torcedores confundem habilidade com técnica. No Brasil, há um grande número de atletas habilidosos, artistas da bola, mas que não executam bem os fundamentos técnicos da posição. (Andrade 2000: n.p)

O estilo brasileiro se incorporou de maneira concreta no imaginário coletivo e se tornou uma extensão da cultura do país. Ainda que não seja relevante, diante das técnicas essa é uma marca inapagável do futebol brasileiro.

Assim nasceu um estilo, aberto a fantasia, que prefere o prazer ao resultado. De Friedenreich em diante, o futebol brasileiro, que é brasileiro de verdade, não tem ângulos retos, do mesmo jeito que as montanhas do Rio de Janeiro e os edifícios de Oscar Niemayer. (Galeano 2002: 34)

3.4 Torcidas organizadas

Qual é o seu time? Essa pergunta é uma indagação muito recorrente entre os brasileiros, de comum acordo social, os indivíduos torcerem para algum clube do estado ao qual pertencem. Funciona quase como uma espécie de escolha obrigatória, na qual poucos se classificam como não torcedores e até mesmo os que não costumam apreciar o esporte possuem um clube do qual nutrem simpatia.

No âmbito doméstico e individual, temos o torcedor comum, que acompanha os resultados e jogos entre amigos e familiares e considera a prática como parte de um lazer saudável e sem compromisso. Contudo, temos também indivíduos comprometidos com as atividades do seu time, geralmente torcedores mais calorosos, que se sentem como elementos ativos nas vitórias do seu time e fazem parte das torcidas organizadas.

O torcedor de futebol é exatamente assim. Quando o jogador faz um gol está apenas cumprindo os desígnios de alguém na arquibancada. Ele se projeta na imagem do ídolo, mas com uma solene diferença: não desperdiça jamais uma bola. Quicou na frente dele, não tem castigo: é gol. Por isso, o torcedor é tão impiedoso com as falhas do seu herói. Falo por mim. Eu mesmo, quando moço, do alto da arquibancada, nunca errei um passe e muito menos um chute. Cheguei a perder a conta dos gols que fiz com os pés que nunca foram meus. (Armando Nogueira 1993: n.p)

A torcida organizada é uma associação de torcedores de um determinado clube, normalmente possuem uma sede administrativa com uma estrutura hierárquica, com cargos remunerados, mantidos com a renda da arrecadação de mensalidades pagas pelos membros.

Sua maior pretensão é estimular os jogadores em campo entoando hinos do clube. Dentro dos estádios permanecem reunidos, uniformizados, representando o time com grandes bandeiras, faixas e fogos de artifícios. Criam gritos de guerra e músicas com letras provocativas aos adversários.

Diferente do que se subentende pelo nome, a torcida organizada não possui atributos de organização no sentido de ordem e disciplina. Nesse contexto, adquirem sentido político, regulamentando regras, condutas, valores e propósitos em comum.

Seus membros são movidos por paixões individuais e juntos estabelecem um relacionamento de suposta fidelidade ao grupo, gerando, no torcedor, o simbólico sentimento de pertencimento ao grupo que, por muitas vezes, tem papel fundamental no contexto emocional daquele indivíduo que, em diversos casos, são excluídos por razões sociais e étnicas, encontrando como refúgio a sensação de igualdade diante dos demais envolvidos no grupo.

Gusfield (in Burke, 1989:30) relatava que os rituais além de refletirem a experiência do grupo: “eles criam esta experiência”. Além disso, “ser um membro de uma comunidade é partilhar um nome, uma história e uma consciência mútua”.

A condição do torcedor permite a possibilidade de determinadas experiências e vivências sociais muito distintas da realidade de alguns indivíduos. A sensação de vitória e contribuição de algo maior, muitas vezes são experimentadas apenas nessa ocasião. Assim

como a exaltação da vitória, leva esse torcedor à plenitude, como em uma realização pessoal, também temos, de maneira oposta, sentimentos exacerbados de fúria nas derrotas do clube, gerando grandes episódios de violência entre as torcidas organizadas.

O “torcedor”, no modelo “organizado”, não é mais um mero espectador do “jogo”. No grupo ele é parte do espetáculo, ele é o espetáculo. No grupo ele expressa sua masculinidade, seus sentimentos de solidariedade, de companheirismo e de pertencimento em um grupo que o acolhe. (Pimenta 2004: 262-81)

Atualmente, as brigas entre torcidas organizadas tornaram-se uma preocupação social e um problema de Estado. São brigas em grandes proporções, que ocorrem dentro e fora dos estádios. O cenário de violência gratuita desencoraja as famílias e amigos que frequentavam os estádios amistosamente para prestigiar seu clube.

No anseio de satisfazer às suas necessidades, a interação desses sentimentos com a razão resulta no desencadeamento de várias ações dirigidas ao meio ambiente ou aos seres que o cercam, podendo ser manifestados comportamentos agressivos ou mesmo afáveis. A agressividade surge como um dos vários componentes do comportamento humano. É pela agressão que o homem defende o seu território, luta por comida e procura sua sobrevivência. (Machado 2007: 106-10)

Apesar da grande repercussão dos casos de violência envolvendo as torcidas organizadas, o sentimento de fidelidade ao clube ilustra a importância que o futebol possui dentro da cultura brasileira, que vive de maneira muito intensa suas derrotas e vitória dentro e fora dos estádios.

3.5 O brasileiro e a Copa do Mundo

A Copa do Mundo é a maior competição de futebol, organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), sua primeira edição foi em 1930, ocorrendo a cada quatro anos. A expectativa para a Copa do Mundo de 1930 levou uma multidão em festa no embarque da seleção antes do embarque no navio SS Conte Verde.

O Conte Verde transpunha a barra levando em seu bojo os depositários da esperança de todos os verdadeiros sportmen de nossa pátria. (Jornal do Brasil 03/07/1930: n.p)

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Copa foi interrompida e voltou a ser realizada em 1950 no Brasil, que participa desde a primeira edição e até o presente momento é o grande campeão, acumulando cinco títulos.

Os títulos das Copas do Mundo de 1958, 1960 e 1970, com jogadores como Pelé, Didi e Garrincha, oriundos da classe trabalhadora e pobre, desenvolveram a identificação da população e, conseqüentemente, alimentaram o nacionalismo no futebol, valorizando o país culturalmente em nível nacional e internacional.

O povo brasileiro é consciente de suas riquezas naturais, orgulhoso da sua cultura afetuosa e bem posicionado quanto à sua diversidade cultural. Porém, a população também é conhecedora de suas mazelas sociais, decorrentes de uma sucessão de governos corruptos e

desestruturados que, desde o início de sua independência, nunca permitiram que o país prosperasse economicamente, ainda que esse seja detentor de inesgotáveis fontes de matérias-primas e grandes possibilidades nos mais diversos setores da economia.

Esse desapontamento com a imagem política do país, a grande insatisfação com as políticas públicas e o constante sentimento de abandono por parte dos governantes, culminam em um paradoxo de sentimentos, que se desloca entre o orgulho de ser brasileiro e a tristeza de pertencer ao país.

Considerando a instabilidade no sentimento patriota do povo brasileiro, é notável e compreensível a dimensão que a Copa do Mundo possui no país, onde todos os brasileiros possuem a certeza de que o esporte em questão é destaque internacional e o representa de forma positiva.

A Copa do Mundo é um evento que mobiliza o país de maneira emblemática e talvez única. A população brasileira se considera sempre como forte candidata para a vitória e, repentinamente, o país é tomado pelo assunto onde todos os setores se envolvem.

Assim como o futebol, a seleção brasileira é um símbolo nacional. O período da Copa é um dos poucos momentos em que podemos presenciar o espírito nacionalista em massa.

As conquistas de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 promoveram o espírito nacionalista no povo brasileiro. Neste contexto surge uma admiração pela Seleção Brasileira de Futebol, criam-se ídolos que representam positivamente a figura do país, como revela o antropólogo e pesquisador Roberto Augusto DaMatta:

No caso brasileiro, foi indiscutível, através do futebol, como já afirmei, que o povo pode finalmente juntar os símbolos do Estado nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos. Ainda é o futebol que nos faz ser patriotas, permitindo que amemos o Brasil, sem medo da zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que só deve gostar da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos sem jamais do nosso país. Além disso, o futebol instituiu abertamente a malandragem como a arte de sobrevivência e o jogo de cintura como estilo nacional. Mas sem excluir a capacidade de jogar com técnica e força. Foi, portanto, só com o futebol que conseguimos, no Brasil, somar Estado nacional e sociedade. E, assim fazendo, sentir, pela avassaladora e formidável experiência de vencer três Copas do Mundo, a confiança na nossa capacidade, como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente, cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional. (DaMatta, 1994: 165-166)

Nos dias em que a seleção brasileira joga, é muito comum o comércio fechar, algumas empresas dispensam seus funcionários e as escolas e universidades não funcionam, sendo, verdadeiramente, uma celebração nacional.

Ao longo de um ano comum poucas vezes se vê a bandeira ou se ouve o hino nacional. Em ano de copa do mundo bandeiras são numerosas tanto em edifícios e casas luxuosas quanto em construções humildes e barracos de favela. (Franco 2007: 175)

O clima de esperança é marcante e as comemorações se fundem com o samba e outros ritmos, promovendo uma atmosfera festiva. As ruas são enfeitadas e o evento esportista incita e comove o país inteiro.

A Copa do Mundo pode ser compreendida como um importante impulsionador na divulgação do futebol brasileiro no âmbito nacional e, principalmente, internacional. Trata-se de um evento com dimensões internacionais que promove, de forma particular, não só o futebol, mas a cultura brasileira, de maneira ampla, e, conseqüentemente, a língua portuguesa no Brasil, que fica em evidência nas entrevistas com os jogadores brasileiros que, em sua maioria, são estrelas nos times europeus, alimentando em nível nacional o patriotismo brasileiro e evidenciando o país internacionalmente.

4. O capitalismo e a internacionalização do futebol brasileiro

4.1 O capitalismo no futebol

Após o futebol brasileiro tornar-se profissional, ele foi apropriado pelas políticas institucionais e, conseqüentemente, inserido na economia, com o intuito de obtenção de lucros e visibilidade das empresas apoiadoras.

Na década de 90, os clubes de futebol começaram a se tornar profissionalizantes, recebendo grandes investimentos dos setores privados. Diante desta realidade, no ano de 1993 foi publicada a Lei 8.672, conhecida como Lei Zico, que permitiu mudanças fundamentais para que os clubes de futebol se tornassem sociedades comerciais. Os clubes profissionais movimentam hoje um comércio milionário, com investimentos de grandes empresas.

Os jogadores que possuem destaque alcançam rapidamente a fama e muito poder aquisitivo. Atualmente, ganham holofotes individuais na mídia, sinalizando a apropriação do esporte pelo capitalismo, como sugere Ronaldo Helal e Cesar Gordon:

Se no início dos anos 30, as forças “modernizantes” defendiam a profissionalização dos jogadores como solução para libertar o futebol de uma “crise”, hoje a tendência é no sentido da profissionalização dos dirigentes e na adoção do modelo denominado futebol-empresa. (Helal e Gordon 2002: 37-55)

A exposição às marcas através das mídias é empregada de forma intensa, promovendo o consumismo e gerando grandes investimentos e lucro para os clubes. Como exemplo, temos a “era Parmalat” do clube Palmeiras, que durou de 1993 até 2000. Por muitos anos, a empresa foi associada ao clube.

A Caixa Econômica Federal (instituição financeira) é a maior patrocinadora do futebol brasileiro, já esteve em 24 clubes e é um ícone empresarial nesse esporte nacional.

A administração dos clubes busca maximizar o desempenho do futebol e dependem do apoio financeiro das empresas, causando um impacto direto no desempenho dos jogadores. Isso ocorre, pois permitem a construção de equipes estruturadas, com profissionais qualificados para atender todas as unidades do clube, tais como: preparação física dos jogadores, organização dos calendários de competições e estudo das táticas dos adversários, além da importante contratação de jogadores de alto nível.

Portanto, compreende-se que os clubes são entidades complexas, que mesclam técnicas esportistas e administração empresarial.

4.2 A internacionalização e a venda do futebol brasileiro

Define-se como internacionalização empresarial, a exportação de produtos ou serviços no mercado externo. Segundo Leoncini e Silva (2000), o futebol brasileiro apresenta um contexto de "mercado de atletas", exportando jogadores qualificados e de grande potencial para as grandes equipes europeias.

Muitos são os jogadores brasileiros vendidos para os clubes internacionais, porém, devemos ressaltar que essa prática se tornou lucrativa e benéfica para os jogadores após a Lei 9.615, também conhecida como Lei Pelé ou Lei do Passe Livre, que determina a transparência dos valores nas negociações entre os clubes e permite autonomia do jogador em migrar para outro clube. Anteriormente a essa lei que foi determinada em 24 de março de 1998, os clubes negociavam e o futebolista ficava apenas com 15% do valor da negociação e só poderiam deixar o clube se esses o autorizassem, tornando o jogador uma propriedade.

Segundo a análise da Sports Value, uma empresa de marketing esportivo que analisou as demonstrações contábeis da última temporada de 20 clubes brasileiros, verificou-se que a transferência desses atletas é a principal fonte de receita dos clubes mais abastados no Brasil.

Entre as vendas de maiores destaques, temos, como exemplo: Gabriel Barbosa do Santos para o Inter de Milão, Denílson do São Paulo para o Betis, Oscar do Internacional para o Chelsea, Gabriel Jesus do Palmeiras para o Manchester City, Lucas Paquetá do Flamengo para o Milan, Arthur do Grêmio para o Barcelona, Lucas Moura do São Paulo para o PSG, Rodrygo dos Santos para o Real Madrid, Vinícius Júnior do Flamengo para o Real Madrid e Neymar do Santos para o Barcelona.

A transferência desses jogadores, além de lucrativa para o time, e evidentemente para o esportista, gera uma sucessão de possibilidades como contratos para representação de grandes marcas, além de destaque em todas as mídias como grandes celebridades.

Toda essa exposição gera fascínio no povo brasileiro, que se posiciona como "grande produtor de jogadores de qualidade", reforçando o já conhecido sentimento de apropriação do futebol, explicando a paixão e o encanto pelo esporte.

5. A influência do futebol nas artes

A expressão artística sempre está vinculada à sua história e cultura. O futebol não poderia deixar de influenciar a literatura, a música, o cinema, a dramaturgia e as artes plásticas.

Na literatura temos a clássica escrita esportiva, com Nelson Rodrigues, Mario Filho, João Saldanha, dentre outros mestres.

Encontramos textos que se transformaram em crônicas esportistas, de Manuel Bandeira, Rubem Braga, Ariano Suassuna, Luís Fernando Veríssimo, Fernando Sabino e João Ubaldo Ribeiro.

Na poesia, Carlos Drummond de Andrade possuía quatro poemas completos e criticou a preparação para a Copa de 1966 em "A Seleção", assim como exaltou Garrincha e Pelé.

Garrincha ganhou um soneto de Vinícius de Moraes em "O Anjo das Pernas Tortas". O poeta narrava uma jogada iniciada com Didi, que terminava com um grande gol do melhor camisa 7 da história brasileira.

Monteiro Lobato usou a prosa para representar o futebol na literatura e criou um personagem goalkeeper e outro full-back em "O Queijo de Minas ou História de um Nó Cego", de 1907.

Entre clássicos e contemporâneos, a representação continua e influencia o cinema, com documentários como “Garrincha, A Alegria do Povo” (1962) “Pra Frente Brasil” (1982) e os contemporâneos “Pelé Eterno” (2004) e “Ginga - A Alma do Futebol Brasileiro” (2004).

Em diferentes gêneros encontramos também “Boleiros - Era uma vez o Futebol” (1998), “Uma História de Futebol” (1998) e “Linha de Passe” (2008).

Também paixão brasileira, as telenovelas não se isentaram da influência do futebol, como em Irmãos Coragem (1970), Vereda Tropical (1984) Suave Veneno (1999) e, recentemente, Avenida Brasil (2012). Todas apresentavam narrativas de jogadores de futebol, contemplando a beleza do esporte e da cultura que o cerca.

A musicalidade brasileira também aderiu ao esporte, inicialmente, apenas com melodias. A primeira canção relacionada com o futebol que se tem conhecimento, é “Flamengo”, um chorinho composto pelo trompetista Bonfiglio de Oliveira, após a criação do novo clube de futebol carioca.

Grandes artistas, como Noel Rosa, Carmem Miranda e Raul Torres também se envolveram nessa vertente da época.

Os clássicos “A Taça do Mundo é Nossa” e “Pra Frente Brasil”, marcaram as conquistas da Seleção na Copa do Mundo de 1958 e 1970.

A MPB contribuiu com “Fio Maravilha”, de Jorge Ben, e Gonzaguinha, com músicas dedicadas ao Pelé. Mais tarde, Chico Buarque cantou sobre seus ídolos em “O Futebol”, de 1989.

O samba também fez suas contribuições, com destaque para “O Campeão” de Neginho da Beija-Flor. Inúmeros são os cantores e compositores que trataram do tema em suas canções, como Fagner, Tom Zé, Simoninha, Marcelo D2 e, mais recentemente, Nando Reis e Samuel Rosa, que escreveram a canção “É uma Partida de Futebol”, que se tornou um hino do futebol brasileiro na última década.

Nas artes plásticas temos a clássica tela “Futebol”, de Francisco Rebolo, que jogava futebol e, nas horas vagas, transmitia no pincel sua preferência pelo esporte.

Aldemir Martins produziu mais de 200 trabalhos sobre futebol e gostava de representar grandes jogadores da época como Pelé.

Atualmente, a representação do futebol está nas mais variadas formas, que contam com a descrição bem-humorada de cartunistas e artistas de rua com seus grafites.

6. Aspectos linguísticos: “futebolês”

A linguagem é múltipla e possui particularidades específicas dentro de distintos ambientes culturais e históricos. No contexto futebolístico, a língua que é elemento vivo e em constante mudança, possui terminologias específicas e particularidades em seu léxico.

Um das maneiras que o futebol mais se expressa intensamente no cotidiano brasileiro é na linguagem, à qual incorporou uma sequência de expressões metafóricas utilizadas no cotidiano que nem sempre estão vinculadas ao futebol, e desta forma ilustra sua importância até mesmo na linguagem como sugere Ferrarezi (2010) ao enfatizar que:

[...] os sentidos se constroem culturalmente, e tudo o que é construído culturalmente é, obrigatoriamente, vinculado a valores culturais. Por isso mesmo, os sentidos expressam, além de suas associações referenciais, valores culturais e, assim, geram a impressão desses valores nas mentes dos falantes. (Ferrarezi 210:123)

A linguagem usada no futebol aplica-se de maneira muito ampla, além de necessária para a compreensão do esporte, também perpassa outras áreas e está presente de maneira

coloquial no cotidiano, assumindo outras significações em diferentes contextos, esta linguagem técnica e específica é conhecida como “futebolês”.

Muito utilizada, esta linguagem pode ser considerada uma variação linguística, sendo possível identificar fenômenos como neologismos, estrangeirismos, metáforas e muitas expressões com sentido figurado.

Em virtude da origem britânica do esporte, muitas palavras sofreram adaptação ortográfica. Podemos citar como exemplo a palavra *football* de origem inglesa, segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2002), é *foot* = pé e *ball* = bola, dando o nome ao esporte *foot-ball* que fora inicialmente grafado dessa maneira e que hoje conhecemos como “futebol”.

No cotidiano encontramos constantemente gírias e jargões, termos e expressões que geralmente recebem significados diferentes de sua semântica original. Incorporados na linguagem, de origem desconhecida popularizaram-se na cultura de massa e estão presentes na língua portuguesa brasileira.

Seguem alguns exemplos:

1. Expressão: Bate-Bola.

Significado: Conversa Informal.

2. Expressão: Bola prá frente.

Significado: Vamos esquecer os problemas e seguir adiante.

3. Expressão: Chutar.

Significado: Arriscar, dar um palpite.

4. Expressão: Dar cartão vermelho.

Significado: Mandar embora, livrar-se.

5. Expressão: Embolar o meio de campo.

Significado: Provocar uma situação confusa.

6. Expressão: Jogada.

Significado: Trama, ação.

7. Expressão: Marcar um gol de placa.

Significado: Fazer algo muito bem feito.

8. Expressão: Show de bola.

Significado: Muito bom, extraordinário.

9. Expressão: Pisar na bola.

Significado: Cometer um engano, tomar uma atitude incorreta.

10. Expressão: Vestir a camisa.

Significado: Integrar-se ao trabalho em grupo.

Refletindo sobre todas as variantes linguísticas originadas da influência do futebol, compreendemos a significativa influência que o esporte tem sobre a linguagem dos brasileiros.

Considerando que a linguagem é um dos maiores elos entre os indivíduos de uma sociedade, compreendemos a dimensão que o futebol possui na cultura brasileira, dentro da atmosfera do esporte e continuamente nos demais elementos que compõem a identidade brasileira.

Conclusão

O futebol é parte da identidade brasileira, é um fenômeno cultural que expressa em sua trajetória e estilo o perfil dessa nação. No jogo notamos a brasilidade manifestada nos dribles e na paixão do torcedor, na vida percebemos o futebol inserido nos elementos do cotidiano.

Também é possível observar o futebol de uma forma ideológica, se pensarmos em seu contexto histórico e em como ele democratiza a possibilidade de sucesso quando, em sua trajetória, percebe-se as classes mais carentes tendo êxito.

Embora o futebol no Brasil seja hoje uma indústria, assim como no resto do mundo, em âmbito nacional, ele é parte da vida de todos, até mesmo para os que não apreciam o esporte, pois está presente nas artes, nas ruas e na rotina do país que, por muitas vezes, é paralisado diante de um campeonato decisivo.

Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. No fundo, o futebol prova que se pode acasalar muito bem valores culturais locais, nascidos de uma visão de mundo tradicional e particularista, com uma lógica moderna universalista. (DaMatta 1994:12)

É um esporte de massa e move multidões fascinadas pelo evento, vangloriando os jogadores e seus ídolos, que possuem representação simbólica do orgulho de pertencer ao Brasil, à nação que acredita ser o "país do futebol".

O futebol é um dos poucos elementos que podemos considerar de todos e para todos, não faz distinções de idade, sexo, classe social ou etnia. É a mais pura expressão de lazer sem regras rígidas, ao mesmo tempo que representa uma nação no âmbito profissional.

O brasileiro faz do futebol sua representação no mundo, baseado em um fundamentalismo patriótico observado em poucos momentos, proporcionando um sentimento de união e pertencimento. Diante da vitória de um time ou de uma Copa Mundial, somos todos iguais naquele momento, mesmo conhecendo a discrepância de distribuição de renda e a desacerbada desigualdade social.

Mais que um esporte, é uma atividade cultural, de lazer, de trabalho, de alegrias e de tristeza, contraditório, move a paixão típica do brasileiro como no trecho do poema "Futebol" de Carlos Drummond de Andrade:

Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua,
futebol se joga na alma.

(Andrade 2014:46-47)

Este artigo procurou abordar as nuances da cultura brasileira e como o futebol se manifesta nesse contexto, visando contribuir para a reflexão crítica dos valores atribuídos a um esporte que expressa uma cultura e acolhe o povo diante das suas conquistas e derrotas, dentro e, principalmente, fora de campo, no campo da vida, no jogo da vida.

Bibliografia

- ANDRADE, Carlos Drummond de
2014 *Quando é dia de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ARAÚJO, Sara Figueiredo de
2012 “Contabilidade Esportiva: A Adoção da Resolução no 1.005/2004 nos Clubes Paulistas de Futebol Profissional”, *Revista Eletrônica Gestão e Negócios*, Vol. 3, No. 1 em: <http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Sara.pdf>, el: 16/06/2019.
- AZEVEDO, Fernando de
1958 *A Cultura Brasileira*, Rio de Janeiro: IBGE.
- BARRETO, Lima
1956 *Marginália*, São Paulo: Editora Brasiliense.
- CAREY J. W. A
1992 “Cultural Approach of Communication”, *Communication as culture: Essays on media and society*: 13-36, Londres: Routledge.
- DAMATTA, Roberto
1994 “Antropologia do óbvio”, *Revista USP*, São Paulo, No. 22: 10-17.
- DAMATTA, Roberto
2006 *A bola corre mais do que os homens*, Rio de Janeiro: Rocco.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário
2007 *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*, São Paulo: Companhia das Letras.
- FERRAREZI, Jr. Celso
2010 *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- FILHO, Mário
2003 *O Negro no Futebol Brasileiro*, Rio de Janeiro, MAUAD Editora.
- FOER, Franklin
2005 *Como o futebol explica o mundo*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- FREYRE, Gilberto
1974 “Futebol Desbrasileirado”, *Jornal Diário de Pernambuco*, 30 de Junho.
- GALEANO, Eduardo
2002 *Futebol ao sol e a sombra*, Porto Alegre: L & PM.
- KOWALSKI M
2009 “Futebol, cultura e Arte”. *Rev. Brasileira de Futebol*, em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/Futebol-cultura.pdf, el 16/06/2019.
- LEVER, Janet.
1983 *A Loucura do Futebol*, Record.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy
2004 *História e história cultural*, Belo Horizonte: Autêntica.

PIMENTA, C. A. M.

1997 *Torcidas organizadas e futebol: violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté, SP: Vogal.

PIMENTA, C. A. M.

2004 “Torcidas organizadas: brutalidade uniformizada no Brasil.” IN PINSKY C. B. (Orgs.). *Faces do Fanatismo*. São Paulo: Contexto, p. 262-81.

RINALDI, Wilson

2000 “Futebol: manifestação cultural e ideologização”, *Revista da educação física/ UEM*, Vol. 11 No.1: 67-172.

RONALDO, Helal e GORDON, Cesar

2002 “A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI”. *Revista ECO-POS*, Vol. 5, No. 1: 37-55.

VELHO, Gilberto

1995 “Estilo de vida urbano e modernidade”, *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, Vol.8. No. 16: 227-234.

Universidade Paulista
Universidade Nanzan